

GEOPOLÍTICA E GEOECONOMIA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA UCRÂNIA E RÚSSIA

*Thiago Oliveira Neto*¹

*Ricardo José Batista Nogueira*²

Resumo: O recente conflito envolvendo diretamente a Ucrânia e Rússia, em fevereiro de 2022, pode ser analisado se levamos em consideração diversos aspectos geopolíticos e geoeconômicos, tais como: a expansão da aliança militar da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN); o reerguimento da Rússia e a tentativa de criar proteção territorial utilizando outros territórios; o significado das fronteiras num momento de guerra; as relações comerciais que envolvem a exportação de Gás Natural Liquefeito (GNL) da Rússia para os países europeus por meios de diversos *pipelines*; e uma crescente ampliação da oferta de GNL por parte dos Estados Unidos. Esses elementos são fundamentais para compreender o atual conflito -obviamente não os únicos-, no entanto, mencionam-se a disputa da clássica região de influência geopolítica, as mudanças na fronteira e ascensão de uma nova potência mundial produtora de GNL capaz de rivalizar com a Rússia no abastecimento dos países europeus.

Palavras-chave: Geopolítica; Conflito; Fronteiras; Energia.

GEOPOLITICS AND GEOECONOMICS: BRIEF CONSIDERATIONS ON THE UKRAINE AND RUSSIA WAR

Abstract: The recent conflict directly involving Ukraine and Russia in February 2022 can be analyzed if we take into consideration several geopolitical and geoeconomic aspects, such as: the expansion of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) military alliance; Russia's re-emergence and attempt to create territorial protection using other territories; the significance of borders at a time of war; trade relations involving the export of Liquefied Natural Gas (LNG) from Russia to European countries by means of various pipelines; and an increasing expansion of LNG supply by the United States. These elements are fundamental to understand the current conflict -obviously not the only ones-, however, it is worth mentioning the dispute over the classic geopolitical region of influence, the changes in the border and the rise of a new global LNG producing power capable of rivaling Russia in supplying European countries.

Keywords: Geopolitics; Conflict; Borders; Energy.

GEOPOLÍTICA Y GEOECONOMÍA: BREVES CONSIDERACIONES SOBRE LA GUERRA ENTRE UCRANIA Y RUSIA

Resumen: El reciente conflicto que involucra directamente a Ucrania y Rusia en febrero de 2022 puede ser analizado si tomamos en consideración varios aspectos geopolíticos y geoeconómicos, como: La expansión de la alianza militar de la Organización del Tratado del Atlántico Norte (OTAN); la reaparición de Rusia y su intento de crear una protección territorial utilizando otros territorios; el significado de las fronteras en tiempos de guerra; las relaciones comerciales que implican la exportación de gas natural licuado (GNL) desde Rusia a los países europeos mediante diversos gasoductos; y una creciente expansión del suministro de GNL por parte de Estados Unidos. Estos elementos son fundamentales para entender el conflicto actual -obviamente no son los únicos-, sin embargo, cabe mencionar la disputa por la clásica región geopolítica de influencia, los cambios en la frontera y el surgimiento de una nueva potencia mundial productora de GNL capaz de rivalizar con Rusia en el abastecimiento de los países europeos.

Palabras clave: Geopolítica; Conflicto; Fronteras; Energía.

¹ Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo-USP, Professor-Substituto na Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

² Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo-USP, professor titular do Departamento de Geografia da UFAM.

Introdução

Após algumas tensões na fronteira entre Ucrânia e Rússia durante as primeiras semanas do ano de 2022 eclode uma invasão militar russa em território ucraniano cujo objetivo é estabelecer o controle territorial deste país, reduzir a presença grupos (para)militares³ e frear o avanço da OTAN no Leste Europeu, um contexto geopolítico que pode ser analisado se levarmos em consideração a tese clássica da geopolítica de região pivô, incluindo ainda as mudanças recentes constituídas no estabelecimento de uma rivalidade para decidir qual superpotência vai dominar o mercado de GNL⁴ no mundo e, principalmente na Europa.

O conflito recente não pode ser analisado tomando como base somente os discursos de atores geopolíticos de cada país; a rigor, cada um elabora narrativas e possui elementos ideológicos voltados para conquistar apoio por parte dos seus respectivos habitantes e da comunidade internacional. Se de um lado temos os problemas das narrativas criadas para estímulo ou degradação do inimigo, por outro lado temos uma miríade de elementos que possibilitam estabelecer breves considerações sobre o contexto atual desse conflito — que não fica restrito ao território ucraniano. Outras escalas são importantes e estas possibilitam evidenciar uma tripla atuação de forças estatais para o controle de uma porção territorial, frear o avanço da OTAN e o erguimento de uma nova potência gaseira capaz de suprir parte da Europa.

Nesse sentido, este texto busca apontar de forma preliminar algumas considerações importantes para compreender o contexto atual do conflito entre Ucrânia e Rússia, realizando um levantamento bibliográfico de artigos, livros e dissertações/tese sobre a temática geopolítica, conflitos e Ucrânia, com enfoque nos autores clássicos da geopolítica como Mackinder e Spykman; em seguida esboça-se as mudanças de significado que uma fronteira sofre em momentos de tensão. Para fazer os apontamentos preliminares, esse texto foi dividido em três partes: i) aponta inicialmente a tese clássica do pivô geográfico da história e os avanços da OTAN; ii) breve consideração sobre as fronteiras e os fluxos criados; iii) a nova disputa que envolve o mercado europeu e o fornecimento de GNL.

Disputa pela área pivô: OTAN e Rússia

A relação espaço e poder faz parte dos objetivos analíticos e teóricos da geopolítica, contribuições clássicas e recentes possibilitam analisar diversas escalas e com destaque para

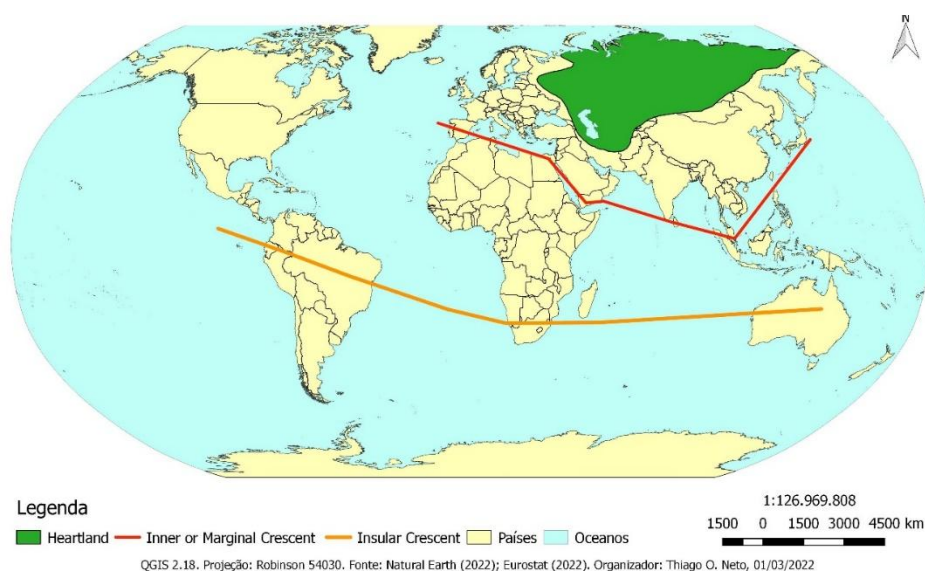
³ Presença de grupos neonazista na Ucrânia foram destacados por Löwy (2015), Camargo e Godoy (2020).

⁴ O GNL (Gás Natural Liquefeito) não deve ser confundido com o GLP (Gás Liquefeito de Petróleo).

os grandes conjuntos espaciais. Os autores clássicos -Ratzel, Mackinder, Spykman⁵, Douhet, Seversky, etc.- possibilitam em certa medida, fornecer as bases fundamentais para ler e compreender espacialmente as tensões e os conflitos que ocorrem, mesmo após décadas e mais de um século das principais obras teóricas.

Em 1904, Halford John Mackinder⁶ apresentou o conceito estratégico de *Heartland* na Royal Geographical Society com a publicação do célebre texto “O pivô geográfico da história”. De acordo com Mello (1994, pp. 56-57), a proposta de Mackinder “constitui a pedra basilar da teoria do poder terrestre”. O *heartland* constitui-se numa porção territorial que “abrange uma extensão de 54 milhões de km² e abrigava em suas regiões marginais dois terços da população do planeta” e “seu núcleo interior media 23 milhões de km²” situados na Eurásia (fig. 1).

Figura 1. A regionalização do Heartland



A teoria do poder terrestre *-heartland-* enfatiza em certa medida o “papel estratégico fundamental na política de poder das grandes potências” (MELLO, 1994, p. 59), principalmente pela possibilidade de “exploração dos imensos recursos naturais daquela região [pivô] daria ao Estado que controlasse condições para desenvolver uma economia autárquica e um inexpugnável poder terrestre” (MELLO, 1999, p. 16).

Mello (1999, p. 11) afirma que “essa teoria tinha como ideia-chave a existência de uma rivalidade secular entre dois grandes poderes antagônicos que se confrontavam pela conquista

⁵ “(...) a tríade Mackinder, Mahan e Spykman fornece instrumentos conceituais e, mais ainda, uma atitude intelectual indispensável, para abordar a realidade política internacional” (BARACUHY, 2021, p. 12).

⁶ “Mackinder é hoje considerado um clássico nos campos da geopolítica e da estratégia” (MELLO, 1999, p. 12). Sobre Mackinder ver a discussão apontada por Costa (1992), Mello (1999) e Ribeiro (2014). Os textos de Mackinder, Mahan e Spykman encontra-se em Baracuhy (2021).

da supremacia mundial: o poder terrestre e o poder marítimo”. O primeiro estaria “no coração da Eurásia” e, mediante a um processo de expansão, “procurava apoderar-se das regiões periféricas do Velho Mundo e obter saídas para os mares abertos”; enquanto o segundo, situado nas regiões marginais, buscava manter “o poder terrestre encurralado no interior da Eurásia”.

Uma das máximas da teoria do poder terrestre da perspectiva mackinderiana é: “quem domina a Europa Oriental controla o Heartland; quem domina o Heartland controla a *World Island*; quem domina a *World Island* controla o mundo”. Ressalte-se que *World Island* (Ilha Mundial) “era a denominação dada por Mackinder ao duplo continente formado pela Eurásia-África” (MELLO, 1994, p. 61).

O fim da Guerra Fria, com o desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas-(URSS), marcou inicialmente a expansão de um modelo econômico no mundo, uma ordem mundial multipolar, a formação de novos países no Leste Europeu e reerguimento da Rússia a partir dos primeiros anos do século XXI⁷.

Apesar do fim da URSS, deve-se destacar que o xadrez geopolítico continuou em movimento na Eurásia com o ressurgimento da Rússia, consolidação da expansão econômica, militar e científica da China, avanços da OTAN⁸ e dos Estados Unidos com o programa *Partnership for Peace* — “que tinha como objetivo inserir as ex-repúblicas soviéticas dentro da estrutura da OTAN” (POTY, 2019, p. 24); a instalação de bases militares e inserção de novos países na referida aliança militar; eclosão de conflitos e tensões diversas. Esses elementos indicam, em um primeiro momento, que o “palco” continua sendo essa região, com uma clara demonstração da existência de articulações geopolíticas e uma disputa hegemônica e territorial por parte da OTAN⁹ e da Rússia.

A primeira disputa e que está diretamente relacionada ao conflito entre Rússia e Ucrânia¹⁰ consiste na expansão das bases militares Norte Americanas e da OTAN na Eurásia, no entorno da Rússia e da China (fig. 2). Essa configuração espacial remete, por sinal, a outra teoria da geopolítica clássica do geógrafo Nicholas Spykman¹¹, denominada de *Rimland*¹² que

⁷ Sobre o reerguimento da Rússia consultar Costa (2015).

⁸ Souza (2019, p. 265) destaca o não cumprimento do acordo entre EUA e URSS sobre o avanço da OTAN.

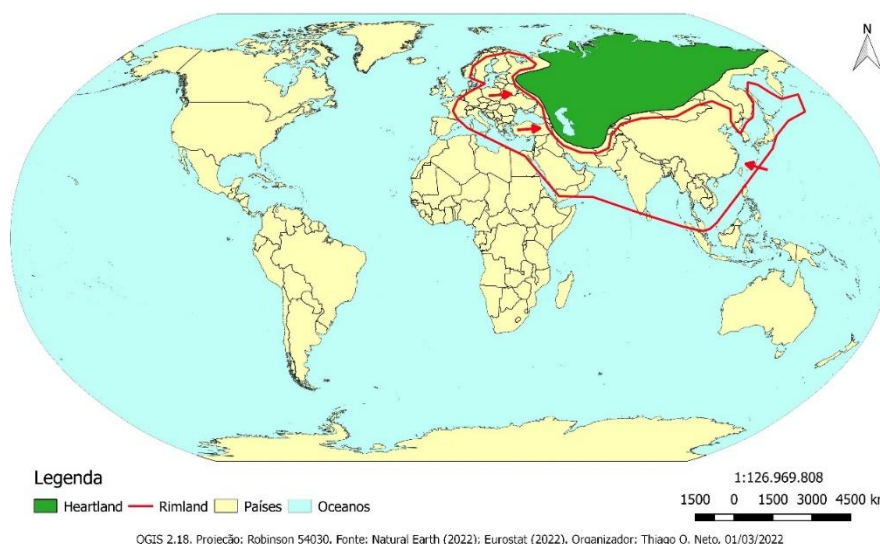
⁹ A expansão territorial da OTAN é analisada por Assis (2008, p.12).

¹⁰ Após o colapso da URSS, a Ucrânia “voltou a ser alvo de disputa entre grandes potências, devido à sua condição de ser um dos pivôs geopolíticos da Eurásia” (POTY, 2019, pp. 17-18).

¹¹ “A estratégia de contenção ocidental deveria, para Spykman, projetar a primeira linha de defesa estadunidense não no continente americano, mas do outro lado do Atlântico (Europa) e do Pacífico (Ásia e ilhas do Pacífico). Como somente avançando a primeira linha de defesa para dentro da Europa e da Ásia, seria útil montar uma segunda linha de defesa no perímetro interno do Hemisfério Ocidental, isso implicava em avançar as forças americanas e posicioná-las nas duas extremidades do continente eurasiático” (ROCHA; ALBUQUERQUE, 2014, p. 6).

consiste na “estratégia de contenção do pós-guerra” em uma porção territorial da Eurásia onde estariam as principais disputas militares (MELLO, 1999, p. 26), entendendo que o “poder mundial” não está alicerçado em quem controla o *heartland*, mas a potência que o cerca¹³, principalmente após a dissolução da URSS¹⁴. Deve-se destacar que “a validade do *Rimland* não se encerra com o fim da Guerra Fria” (ROCHA; ALBUQUERQUE, 2014, p. 7).

Figura 2. Rimland na Eurásia



Além da existência de diversas bases militares, houve nas últimas décadas um processo de incorporação dos países que orbitavam na antiga influência soviética e que passaram a fazer parte da OTAN¹⁵ (fig. 3), aumentando a área de influência militar, ideológica e econômica dos Estados Unidos e cercando cada vez mais a Rússia. Concomitantemente, ocorreu uma redefinição do eixo estratégico dentro da Eurásia; segundo Rocha e Albuquerque (2014, p. 9),

¹² “(...) o *Rimland* embasa geopoliticamente a política externa dos Estados Unidos para lidar com o expansionismo nazista na Europa e o imperialismo japonês no Pacífico” (ROCHA; ALBUQUERQUE, 2014, p. 6).

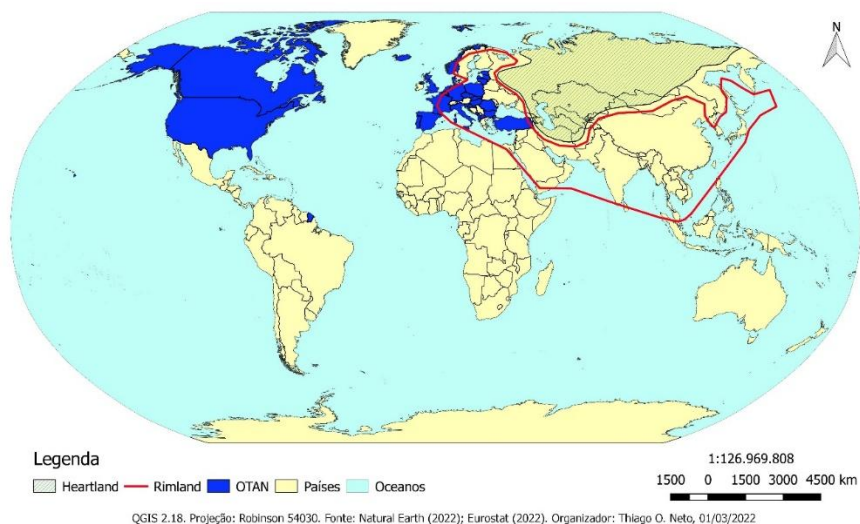
¹³ “O destino geopolítico do mundo não estaria no controle do “heartland”, como viria a propor mais tarde Mackinder, mas no controle do que Mahan denominaria o “great common”: a supremacia naval e o domínio dos mares, artérias do comércio internacional e meio de projeção de poder. A capacidade de projetar poder naval e de exercer pressão sobre as bordas continentais da Ásia afetaria a capacidade de movimentação geoestratégica, diplomática e comercial das eventuais potências terrestres na região” (BARACUHY, 2021, p. 27).

¹⁴ “Com o fim da Guerra Fria, os países que fizeram parte da União Soviética e do bloco socialista no Leste europeu se tornaram bastante vulneráveis a influências externas, sobretudo a americana, pois se situavam no *rimland*, região estratégica na perspectiva geopolítica dos Estados Unidos relativa à contenção da Rússia e ao objetivo de alcançar proeminência na Eurásia” (POTY, 2019, p. 23).

¹⁵ Na segunda metade do século XX foram criados três organizações-tratados que visavam confinar a antiga URSS no interior do *Rimland*, primeiramente com a OTAN que visava vedar “o acesso russo à periferia ocidental da Eurásia”; o segundo foi OTASE (Organização do Tratado do Sudoeste Asiático) que vigorou entre 1954 até 1977, que visava bloquear “as saídas para o oceano Pacífico” para os russos com articulação militar-econômica em países asiáticos; no período de 1955 até 1979 existiu a CENTO (Organização do Tratado Central) que constituiu em uma aliança militar-econômica com os países do Oriente Médio para fins de controlar e “fechar” “as passagens para o golfo Pérsico e o oceano Índico” (MELLO, 1999, p. 132).

o antigo eixo Moscou-Berlim passou a ser, no período atual, Moscou-Pequim devido a “Área Pivô [...] ter se deslocado ainda mais ao Leste da Eurásia”¹⁶.

Figura 3. Membros da OTAN, Rimland e o Heartland



Os avanços da OTAN podem ser compreendidos como o principal mecanismo estratégico para reduzir as influências político-militar-econômica russas no continente euroasiático, e as tentativas de inserir a Ucrânia na OTAN¹⁷ corresponderia a uma ação de afastamento deste país “da órbita de influência russa [e] reduziria a Rússia à condição de potência asiática, sem projeção geopolítica sobre a Europa” (POTY, 2019, pp. 20-21). A expansão da OTAN segundo Guéneec (2008, p. 229)¹⁸ consiste em um aumento da área de influência de maneira não coercitiva e com “apelo dos países da região”.

A fronteira no momento de uma guerra

Concebida como linha que divide Estados-nacionais e que assegura estabilidade entre eles e identidade entre os povos, as fronteiras como zona de transição abrigam estruturas estatais destinadas ao controle desse trânsito, mais rigoroso para as pessoas e menos rigorosas com as mercadorias. Estáveis nos períodos de paz, seu caráter muda muito quando as tensões, os conflitos e, enfim, uma guerra eclode envolvendo países limítrofes colocando em

¹⁶ Souza (2012, p. 61) aponta que existe um “novo pensamento geopolítico russo valoriza o fortalecimento do Estado Russo e a ampliação de sua área de influência, sobretudo no que se denomina de Eurásia, demonstrando assim o deslocamento geográfico da antiga área de influência soviética – o Leste Europeu – para a Ásia Central”.

¹⁷ Primeira aproximação da Ucrânia com a OTAN foi em 1997 (POTY, 2019).

¹⁸ Guéneec (2008) já assinalava para a deterioração das relações entre a União Europeia, os Estados Unidos e a Rússia.

alerta as estruturas militares. Raffestin (1993, p.168), inclusive, quando discorre sobre as funções da fronteira, observa que “a função militar da fronteira é ambígua, pois só pode ser assumida num contexto convencional”, e que com a sofisticação dos armamentos a fronteira foi esvaziada de seu significado. Numa guerra, as fronteiras terrestres desaparecem para os países que estão em conflito. Por outro lado, podemos destacar que existem outras características que possuem uma dimensão espacial rigorosa da fronteira — a proibição do fluxo aéreo civil no espaço aéreo ucraniano é um claro exemplo disso.

A realização de voos militares de aviões e de drones¹⁹ de reconhecimento de território por parte das forças armadas americanas na Ucrânia no mês de fevereiro de 2022, indicava para uma presença militar exterior na zona de influência russa. Souza (2019) destaca que a contenção da Rússia é alicerçada em dois principais eixos: i) pela tentativa de destruição estatal ou de políticos aliados da Rússia (estaticídio) nos países de antiga influência soviética; ii) avanços da OTAN com militarização dos países da Europa do Leste (astropolítica). Movimentos que vão contra a direção de “consolidação de uma hegemonia local na Eurásia” por parte da Rússia (CAMARGO; GODOY, 2020, p. 90).

Outros fluxos identificados ao longo dos dias 18 até 24 de fevereiro foram de drones (fig. 4) e aviões militares americanos e ingleses²⁰ que sobrevoaram o espaço aéreo ucraniano antes da invasão da Rússia.

Embora a Rússia possua um território gigantesco, sua circulação marítima é mais precária em virtude dos poucos acessos ao mar: ao norte o ártico está longe das rotas marítimas; no centro e próximo a Europa, o estreito acesso ao mar báltico; e no Sul é através do mar negro que a Rússia pode acessar mais facilmente outros mares onde estão as principais “correntes marítimas” do comércio mundial. Por isso o domínio territorial com o controle do acesso ao Mar Negro e ao Mar de Azov por parte da Rússia é uma de suas geoestratégias em curso e que tiveram um impulso relevante após a anexação da península da Crimeia, que fazia parte do território ucraniano até 2014. Este processo passa a ser fundamental para aumentar a presença russa no Mar Negro e conectar diretamente a base naval de Sebastopol ao território russo, uma ação de integração que foi reforçada em maio de 2018 com a inauguração da ponte no estreito de Kerch unindo via terrestre a Crimeia ao território russo. Por outro lado, ações voltadas para contenção e consequentemente redução

¹⁹ Foram identificados no Flightradar24 voos do drone RQ-4 Global Hawk.

²⁰ United States Air Force (USAF) e Royal Air Force (RAF).

da presença russa no Mar Negro (mar de águas de quentes)²¹ foram sendo costuradas pelos Estados Unidos por meio dos avanços da OTAN em direção à Turquia e nas últimas décadas em direção da Ucrânia, destacando a realização de voos militares de aeronaves americanas dentro do território da Ucrânia e no Mar Negro, próximo da península da Crimeia²², potencializando ainda mais as tensões entre Rússia, Ucrânia e OTAN.

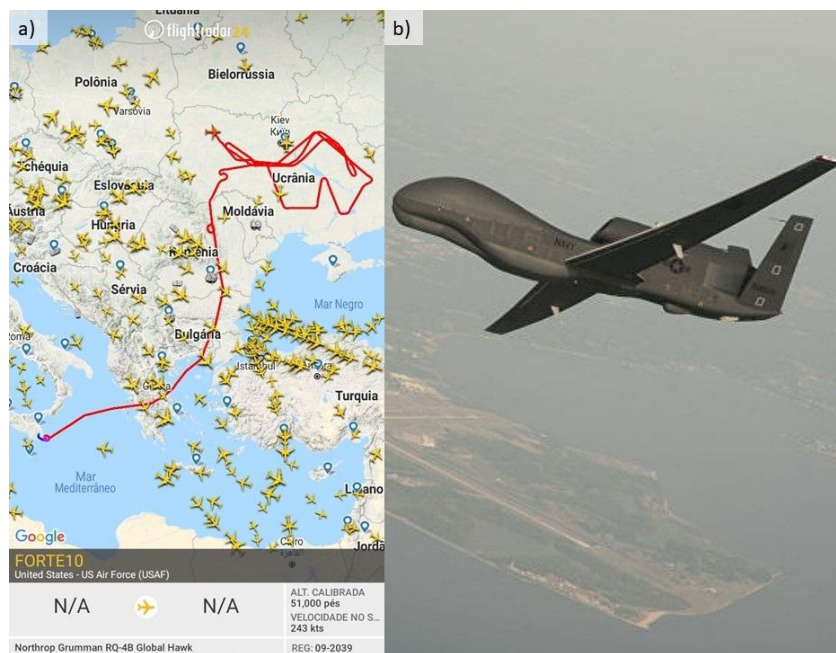


Figura 4: Drone militar RG-4B: a) percurso realizado do Drone Militar entre a Itália e a Ucrânia. Visualização pelo Aplicativo do Flightradar 24 (em 18/02/2022, 19:29 GMT -4); b) Drone RG-4B (imagem de Erik Hildebrandt, fonte: sputniknews).

Outra dimensão que podemos destacar, ainda no que se refere ao espaço aéreo, foi o contínuo voo de aviões militares americanos e ingleses que realizaram deslocamentos e sobrevoos próximos das fronteiras da Bielorrússia e Ucrânia.

No Flightradar foi possível identificar ainda vôos de aeronaves militares russas entre Moscou e os aeroportos situados na Bielorrússia (fig. 5), sendo este um aliado da Rússia. Apesar da existência desses vôos, deve-se destacar que parte dos deslocamentos de viaturas e soldados ocorrem por meio das infraestruturas terrestres como as rodovias e linhas férreas até as fronteiras com a Ucrânia.

²¹ Denominação em referência ao acesso a um mar que não congela, a rigor, uma parte do acesso marítimo russo, principalmente pelo Norte, ocorre em águas gélidas e que congelam por 4 meses no ano.

²² “Da parte da Rússia, em contrapartida, o congelamento do atual quadro lhe é francamente favorável do ponto de vista da sua particular estratégia inspirada na ancestral geopolítica do poder terrestre. Afinal, e ainda que seja compelida a renunciar por ora às províncias orientais da Ucrânia, pode comemorar a conquista (ou a reconquista) da estratégica Criméia e, de sobra, dá a clara demonstração ao Ocidente (como em 2008 na Geórgia), de que não está disposta a baixar a guarda na defesa dos seus interesses nas áreas de influência que considera seu tradicional Entorno Regional Estratégico” (COSTA, 2015, S/P).

Em 25 de fevereiro de 2022, o governo da Rússia fechou o espaço aéreo para os vôos com aeronaves "de propriedade, arrendados ou operados por uma organização vinculada ou registrada no Reino Unido"²³ por parte da Agência Federal do Transporte Aéreo da Rússia Rosaviatsiya. Outra alteração que ocorreu foi o fechamento do espaço aéreo para aviões de propriedade russa ou controlada por russos por parte da União Europeia e Canadá²⁴ no dia 27 de fevereiro de 2022.

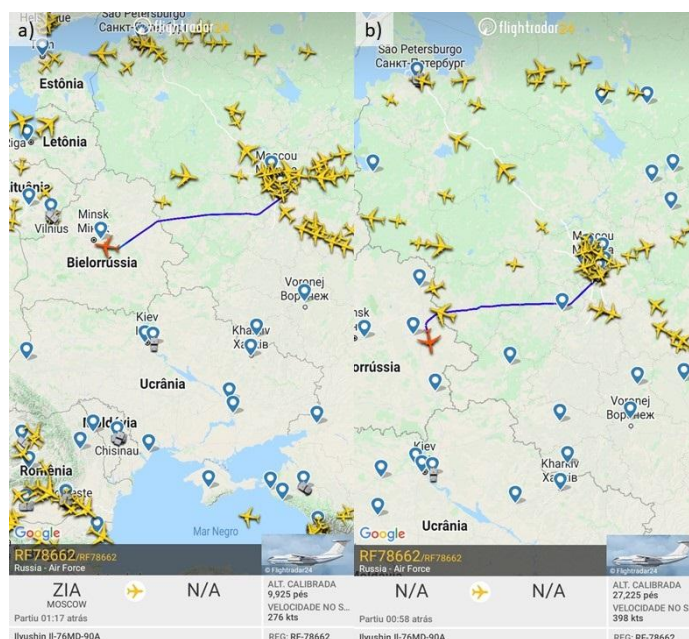


Figura 5. Avião Ilyshin Il-76 MD-90a da Força Aérea Russa: a) deslocamento do avião entre Moscou e Minsk (imagem de 25/02/2022, 17:58 GMT -4); deslocamento do avião entre Moscou e Gomel na Bielorrússia (imagem de 26/02/2022, 18:06 GMT -4). Fonte: Aplicativo do Flightradar 24.

Com o fechamento do espaço aéreo ucraniano, o fluxo aéreo internacional ficou centralizado em dois principais espaços aéreos: Eslováquia, Hungria, Romênia, Sérvia e Bulgária; Geórgia, Rússia e Cazaquistão.

Se de um lado temos esse espaço aéreo vigiado pelas diferentes forças militares e proibições para a realização de voos civis nessa porção aérea/territorial, por outro lado, o conflito passou a desencadear fluxos de pessoas a pé, em automóveis, ônibus e trens para as fronteiras (fig. 6), principalmente para a Polônia²⁵, Hungria, Moldova, Eslováquia, Romênia e Bielorrússia²⁶, em uma tentativa de sair do país com vida e, em alguns casos, com alguns poucos pertences pessoais.

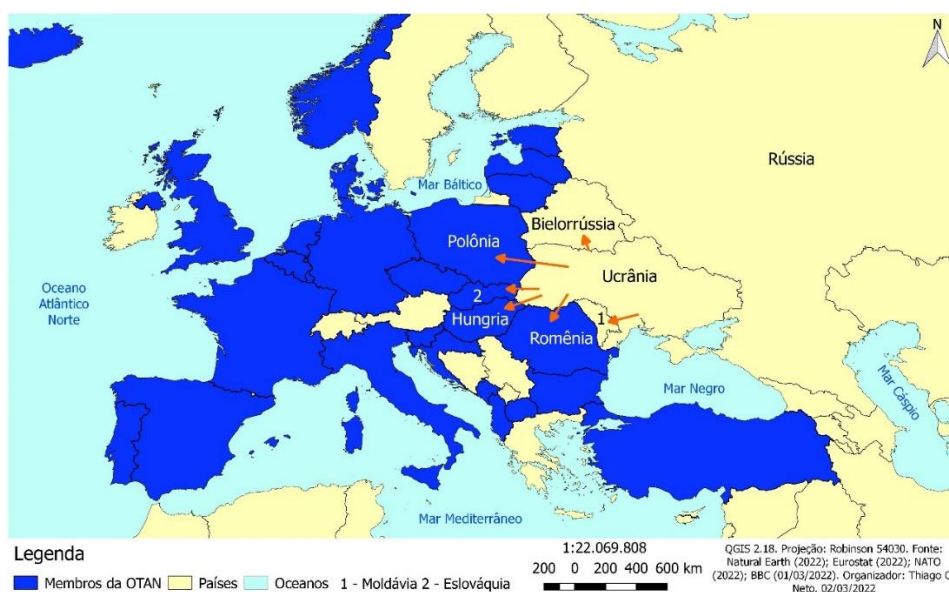
Figura 6. Deslocamentos migratório no conflito

²³ Ver em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/02/25/russia-proibe-entrada-de-todos-os-voos-do-reino-unido-em-seu-espaco-aereo.htm>

²⁴ Ver em: <https://cnnbrasil.com.br/business/paises-fecham-espaco-aereo/>

²⁵ Até 27 de fevereiro havia ocorrido um fluxo de 368.000 pessoas (UOL, 2022).

²⁶ Ver em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60570352>



Uma das faces dos conflitos é o êxodo que deles resulta, com deslocamentos involuntários de centenas e até milhares de pessoas que atravessam as fronteiras à procura de abrigos, alimentação e empregos, em uma clara tentativa de reconstruir suas vidas em outros países ou permanecer no outro país até o desfecho do conflito militar. Verifica-se, com isso, uma plena porosidade da fronteira que, em seu movimento de “abertura” e “fechamento,” é marcadamente seletivo, pois, por questões humanitárias abre-se, permite-se a saída de civis²⁷ (mulheres e crianças) e fecha-se para o ingresso de um terceiro ator no conflito.

Outro fluxo que avançou para além das fronteiras políticas em 24 de fevereiro de 2022 foi composto pelas tropas russas em veículos terrestres, ferroviários, aéreos e marítimos que estabeleceu um cerco parcial da Ucrânia com avanços pelo Norte, Leste e Sul, visando controlar as bases militares e os principais aeroportos do país com o objetivo de evitar possíveis ajudas via transporte aéreo dos países vinculados à OTAN. Devido a atuação militar russa, houve uma conquista e domínio das principais cidades e regiões, com destaque para as regiões de Donetsk e Luhansk, resultado de uma manobra de ocupação que já vinha sendo realizada — como a distribuição de 540 mil passaportes russos nas regiões de Donetsk e Luhansk em 2021²⁸. Buscou-se por meio dessa estratégia uma aproximação da população com o governo russo.

Esse avanço dos fluxos pelas fronteiras e a ocupação do território ucraniano pelas forças militares russas constitui uma clara ação geopolítica clássica, que busca reduzir as

²⁷ Houve a proibição de saída de homens na faixa etária de 18 a 60 anos.

²⁸ Ver: <https://areferencia.com/europa/distribuicao-de-passaportes-pela-russia-no-leste-da-ucrania-e-passo-para-anexacao-diz-zelenskiy/>

influências da OTAN/USA nesta porção territorial fronteiriça com a Rússia. As ações buscam estabelecer um processo de “satelitização” e uma possível troca de atores políticos “pró-ocidente” por atores “pró-Rússia” em uma tentativa de reverter o quadro instaurado em 2014 com a Revolução Colorida²⁹, que derrubou o então presidente “pró-Rússia”, Viktor Yanukovych. No contexto geopolítico regional existe um conjunto de tramas internas que envolvem a Rússia e Ucrânia, aspectos históricos³⁰ e alguns recentes — como os avanços da OTAN e a tentativa de criação de “corredor ucraniano” de proteção ao território russo.

Os aspectos pontuados denotam, em certa medida, para ações que remetem a um retorno à geopolítica clássica³¹, com a disputa de duas potências bélicas pela influência em um país, porém está se constituindo uma outra disputa que possui uma relação com esse conflito regional, a disputa é caracterizada por quem vai comercializar e fornecer GNL aos países europeus.

Estados Unidos e Rússia: GNL na disputa mundial

O conflito entre Ucrânia e Rússia reacende um debate geopolítico e geoeconômico referente ao suprimento de GNL para as demandas internas do continente europeu (gráfico 1), atualmente dependente³² em 41% do GNL russo³³ enviado diariamente em enormes *pipelines* que interligam as áreas produtoras até as diversas regiões consumidoras.

De acordo com Mazat e Serrano (2012, p. 36), desde o início do século XXI, “o Estado russo voltou a controlar o setor energético e, em particular, o gasífero” seguindo uma “estratégia consistente de afirmação geopolítica por meio do gás e, em medida bem menor, do petróleo, que concentram boa parte dos investimentos do país”.

²⁹ Ortega (2009) destaca que uma das características desse movimento são as mudanças de atores políticos antiestadunidenses pelos atores que apoiam ações pró-ocidente. Poty (2019, p. 26) afirma que: “um episódio que se destaca neste esforço de afastar a Ucrânia da Rússia e aproximá-la do Ocidente foi a Revolução Laranja, ocorrida em 2004, na qual protestos de parte da população levaram à mudança no resultado das eleições. Tal movimento consistiu na defesa da anulação da eleição de Viktor Yanukovitch para a presidência, sob a alegação de fraude, em favor do candidato que ficou na segunda colocação, Viktor Yuschenko. Yanukovitch, membro do Partido das Regiões, havia sido governador de Donetsk, localizada no leste ucraniano, onde a cultura russa é predominante, sendo considerado um candidato pró-Rússia. Yuschenko, por sua vez, era contrário ao acordo com a Rússia relativo à continuação da cessão da base de Sebastopol e defendia a integração da Ucrânia à União Europeia e à OTAN”.

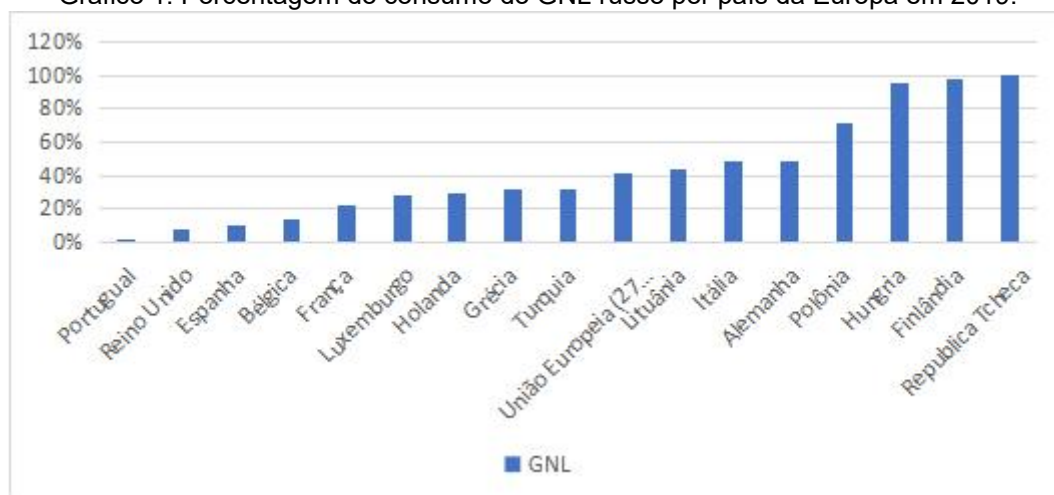
³⁰ Ver em Costa (2016).

³¹ Este fato parece negar a “crise da geopolítica clássica”, como indica Vesentini (2012).

³² Ver em Nies (2010).

³³ Fonte: <https://br.sputniknews.com/20210925/uniao-europeia-revela-plano-para-reduzir-dependencia-de-gas-russo-18055445.html>

Gráfico 1. Porcentagem do consumo do GNL russo por país da Europa em 2019.



Fonte: <https://oglobo.globo.com/mundo/apesar-da-invasao-da-ucrania-europa-compra-mais-gas-russo-saiba-porque-25409997>

Chama-se atenção para o fato de que uma parcela significativa dos *pipelines* perpassa pelo território ucraniano e seguem em direção aos países consumidores. Manter esse controle territorial passa a ser relevante no cenário geopolítico regional da Europa, ainda mais pela possibilidade de explorar gás natural em território ucraniano. Antevendo a possibilidade de conflitos e de um avanço pró-ocidente/OTAN na Ucrânia, a Rússia construiu na segunda década do século XXI dois *pipelines*³⁴ ligando as áreas produtoras de Gás Natural-GN até a Alemanha passando pelo Mar Báltico, evitando usar o território da Ucrânia.

A Rússia passou a promover nas últimas décadas uma *multi pipeline diplomacy* com políticas internas de “diversificação das rotas de dutos para diminuir a capacidade dos Estados Unidos de poder atrapalhar sua geopolítica da energia”, culminando com a construção do “gasoduto Nord Stream, passando pelo mar Báltico, que liga a Rússia (campos da Sibéria) e a Alemanha. O Nord Stream evita, assim, de passar pelos Países Bálticos e pela Polónia, aliados incondicionais dos Estados Unidos” (MAZAT; SERRANO, 2012, pp. 39-38).

A política interna de construção de pipelines interligando diversos países consumidores de GNL, com percursos que desviam de países com instabilidades ou aliados da OTAN, buscava manter uma continuidade da atuação da Rússia enquanto exportadora de GNL, no entanto, isso “cria interdependência muito forte entre a Rússia e seus principais clientes europeus” e em caso da “Europa conseguir outra fonte de abastecimento, com o apoio dos Estados Unidos, isto fragilizaria a posição russa” (MOZAT; SERRANO, 2012, p. 39).

Mozat e Serrano (2012, pp. 39-40) destacam duas possibilidades que poderiam reduzir a dependência do gás russo por parte dos países europeus: i) o surgimento fora da Rússia de

³⁴ Nord Stream 1 e 2.

tecnologias que permitam grande barateamento do gás natural liquefeito (GNL), que pode ser transportado por navios e reduziria drasticamente o papel estratégico e econômico dos gasodutos”; b) consiste no “desenvolvimento acelerado de técnicas de recuperação de gás capturado em rochas de xisto, que abriria a possibilidade de a Europa tornar-se autossuficiente em gás natural”. A rigor, identifica-se dois importantes contextos: o primeiro que houve nessas primeiras duas décadas, investimentos para extração do *shale gas* (gás de xisto) nos Estados Unidos, com a construção de infraestruturas portuárias, pipelines e a composição de uma frota de grandes navios gaseiros para exportação de GNL para outros países; o segundo a eclosão do conflito entre Rússia e Ucrânia com desencadeamentos negativos com a realização de sanções econômicas por parte dos Estados Unidos, destacando ações para reduzir aquisição de petróleo e GNL oriundo da Rússia.

Alternativas para reduzir a dependência e até evitar problemas — como a suspensão do fornecimento — passam a fazer parte dos planejamentos dos países que compõem a União Europeia, destacando algumas das alternativas já mencionadas por alguns líderes políticos europeus: i) ampliar e construir novos *pipelines* entre o Norte da África interligando Argélia/Marrocos³⁵ a Espanha; ii) construção de novas instalações industriais para o recebimento de GNL de navios gaseiros nos Estados Unidos e nos países europeus; iii) construção de novas centrais de geração de eletricidade movidas por combustível nuclear³⁶.

Em cada uma dessas três alternativas temos dimensões espaciais distintas da principal estrutura existente. As tensões e a necessidade de reduzir as influências russas via *soft power* do GNL e a emergência recente dos Estados Unidos como maior exportador de GNL do mundo transformam um elemento sempre marginalizado em uma disputa comercial que tem como pano de fundo reduzir as dependências da Europa do GNL russo e a possibilidade dos Estados Unidos de abarcar uma fatia do mercado mundial de GNL visando ampliar sua participação comercial por meio de *commodities*³⁷.

O conflito recente, que teve como marco a invasão russa no território ucraniano, torna-se um mecanismo de disputa no que tange ao fornecimento de GNL para a Europa, pois

³⁵ Deve se mencionar que existe uma tensão geopolítica entre Marrocos e Argélia.

³⁶ Presidente da França Emmanuel Macron anunciou em 10 de fevereiro de 2022 a construção de novos reatores nucleares no país, marcando o “renascimento nuclear francês” em um período de conturbadas relações e a existência de tensões entre Estados Unidos/OTAN e Rússia. Ver em: https://www.liberation.fr/economie/nucleaire-macron-annonce-la-construction-de-six-nouveaux-reacteurs-epr-20220210_AUD2M624BBCHVAOJ66EDSDT17A/

³⁷ “Três países foram responsáveis por 70% das importações de GNL na Europa em 2021. Segundo relatório divulgado pela EIA na terça-feira (22/2), os EUA foram responsáveis por 26% das importações pelos membros da União Europeia e Reino Unido, seguidos por Qatar (24%) e Rússia (20%)” Ver em: <https://petroleohoje.editorabrazilenergia.com.br/eia-tres-paises-respondem-por-70-das-importacoes-de-gnl-na-europa/>

transparece uma tentativa dos Estados Unidos de fazer a Rússia ficar isolada enquanto fornecedora de um enorme mercado consumidor de GNL por meio de potencialização do conflito, com consequências econômicas oriundas dos bloqueios e sanções econômicas, podendo constituir em uma das tentativa de ampliação de mercado para uma *commodities* oriunda dos Estados Unidos.

Esse contexto do período atual reforça o panorama discutido por Luttwak (1990), de que as guerras militares foram substituídas pelos conflitos econômicos e Thurow (1992), que destacava que a guerra está sob às regras do comércio³⁸, mas não pode incorrer no erro de que as disputas geoeconômicas substituíram a geopolítica, a disputa pelo controle territorial ainda é a pedra angular do conflito que culminou com a invasão de tropas militares da Rússia na Ucrânia. Contudo, uma nova potência gaseira, constituída pelos Estados Unidos, busca ampliar mercado na Europa nesse período de tensões e de conflito, ou seja, aproveita oportunidade das sanções e não operacionalização do *pipeline* Nord Stream 2, a rigor, “trata-se do uso de meios econômicos, comerciais e tecnológicos para fins geopolíticos” (BARACUHY, 2021, p. 41) para expansão comercial e enfraquecimento econômico da Rússia por meio das sanções comerciais.

O centro do conflito Rússia e Ucrânia não está assentado na segurança energética em si, mas identifica-se uma “estratégia geopolítica [que] tem por objetivo manter a posição de liderança dos Estados Unidos no sistema mundial” no âmbito militar, econômico-financeiro (MAZAT; SERRANO, 2012, p. 12).

Breves considerações

As tensões e o conflito entre a Ucrânia e Rússia nesse período contemporâneo reforçam as velhas teses geopolíticas, principalmente sobre o pivô geográfico e sua contenção. O conflito deflagrado com a invasão de tropas russas no território ucraniano pode ser analisado com base na geopolítica clássica e deve-se destacar as diferentes dimensões espaciais que foram se desencadeando nos primeiros dias da guerra, destacando o avanço das tropas, os territórios conquistados e outros com disputas entre as forças militares e até civis, o fluxo migratório que foi estabelecido via terrestre ao longo das rodovias e das linhas férreas, os diferentes planejamentos que estão sendo desenhados para o fornecimento de GNL para os países europeus.

³⁸ Vesentini (2012, pp. 11-31) traz esse debate da passagem da geopolítica para a geoeconomia no período atual tendo em vista que as “novas geopolíticas (...) enfatizam outras “guerras” ou conflitos: econômicos, sociais, culturais e até simbólicos (...)”. Sobre essa “nova geopolítica” e movimentos sociais na Ucrânia ver: Nogueira (2013), Ortega (2009) e Poty (2019).

O que assistimos hoje pelos canais de televisão ou pelas diversas imagens e vídeos disponíveis em sites na *internet* são as claras manifestações de ações estratégicas de potências bélicas/econômicas que buscam deslocar a influência energética e geopolítica do Leste para o Oeste, no caso da Rússia, existindo ainda, e de maneira concomitantemente, uma influência do Oeste para Leste capitaneada principalmente pelos Estados Unidos. A Rússia nesse período recente busca evitar a formação de blocos geopolíticos poderosos em suas fronteiras (GUÉNEC, 2008).

Por fim, identifica-se uma futura alteração de dependência de GNL da Rússia para Estados Unidos. Apesar de isso representar uma atuação e uma projeção americana no principal mercado, deve-se destacar que se altera no tabuleiro geopolítico a potência fornecedora de GNL e mantém-se a dependência dos países europeus de uma superpotência militar e econômica. Tal encaminhamento pode consistir numa possível tentativa de enfraquecer economicamente a Rússia, que tem como uma das principais pautas de exportações o GNL, além do mais, reforça-se a velha geopolítica americana do “poder marítimo”³⁹ com o estabelecimento de rotas contínuas de transporte de GNL em navios gaseiros em “oposição” a rede terrestre russa com os *pipelines*.

Referências

- ASSIS, José Ferreira de. **A teoria geopolítica clássica de Mackinder validada pelas ações e acontecimentos envolvendo a Rússia na atualidade**. Monografia do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores, Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2008, 24f.
- BARACUHY, Braz. **Os fundamentos da Geopolítica Clássica: Mahan, Mackinder, Spykman**. Brasília, DF: FUNAG, 2021.
- CAMARGO, Felipe Rodrigues de; GODOY, Paulo Roberto Teixeira de. Reflexões sobre a geopolítica russa: o governo Vladimir Putin de 2012 a 2015 sob a perspectiva das ações políticas e militares. **Conexão Política**, v. 9, n. 1, 2020, pp. 89-105.
- COSTA, Wanderley Messias da. O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial. **Confins**, nº 2015.
- _____. **Geografia Política e Geopolítica: Discurso sobre o Território e o Poder**. São Paulo: EDUSP, 1992.
- EC.EUROPE. PCI Transparency platform. Disponível em: <https://ec.europa.eu/energy/infrastructure/transparency_platform/map-viewer/main.html> Acesso em: 01 de mar. de 2022
- EUROSTAT. Eurostat. Disponível em: <<https://ec.europa.eu/eurostat/web/gisco/geodata/reference-data/administrative-units-statistical-units/countries>> Acesso em: 01 de mar. de 2022.
- GUÉNEC, Michel. La Russie face à l'extension de l'OTAN en Europe. **Hérodote**, nº 129, v. 2, 2008, pp. 221-246.
- LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. Serviço **Social & Sociedade**, n. 124, 2015, pp. 652-664.
- LUTTWAK, Edward N. From Geopolitics to Geo-Economics: Logic of Conflict, Grammar of Commerce. **The National Interest**, nº 20, 1990, pp. 17-23.

³⁹ A teoria do poder marítimo teve seu principal teórico o militar Alfred Thayer Mahan.

ORTEGA, Felipe Afonso. **Cores da Mudança? As Revoluções Coloridas e seus reflexos em política externa.** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais), UNESP/UNICAMP/PUC, São Paulo, 2009, 139f.

MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A geopolítica da federação russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: vulnerabilidade, cooperação e conflito. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **O Renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI.** Brasília: IPEA, 2012, pp. 9-50.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Geopolítica do poder terrestre revisitada. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 34, 1994, p. 55-69.

_____. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1999.

NATO. O que é a NATO?. Disponível em: <https://www.nato.int/nato-welcome/index_pt.html> Acesso em: 01 de mar. de 2022.

NATURAL EARTH. Downloads. Disponível em: <<https://www.naturearthdata.com/downloads/>> Acesso em: 01 de mar. de 2022.

NIES, Susanne. L'énergie, l'UE et la Russie. **Hérodote**, nº 138, v. 3, 2010, pp. 79-93.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. O Movimento Femen: geopolítica e neo-feminismo. **Revista Geonorte**, v. 7, nº 1, 2013, pp. 245-264,

POTY, Ítalo Barreto. A Ucrânia independente após o fim da guerra fria: uma análise geopolítica (1991-2013). **Conjuntura Austral**, v. 10, nº 52, 2019, pp. 17-36,

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Dyego Freitas; ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. Revisando o conceito de Heartland na Política de Contenção Ocidental do séc. XXI. **Revista de Geopolítica**, v. 5, nº 1, 2014, pp. 1-14

RIBEIRO, Guilherme. Geografias imperiais: o caso de Halford John Mackinder (1861-1947). **Geographia**, v. 16, nº 31, 2014, pp. 153-170,

SOUZA, Danilo Rogério de. A nova geopolítica russa e o eurasianismo. **Revista de Geopolítica**, v. 3, nº 2, 2012, pp. 61-70.

_____. **A Contenção da Rússia: Geopolítica, Estaticídio e Astropolítica.** 2019. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, Universidade de São Paulo, 2019, 493f

SPUTNIK BRASIL. Drone estratégico dos EUA 'espia' perto da fronteira ocidental da Rússia. 03/07/2019. Disponível em: < <https://br.sputniknews.com/20190703/drone-estrategico-eua-espia-perto-fronteira-ocidental-russia-14154080.htm> > Acesso em: 27 de fev. de 2022.

TRUROW, Lester. **Head to head: the coming economic battle among Japan, Europe, and America.** New York: «Willian Morrow and Company», 1992.

UOL. ONU fala em 368 mil refugiados e 64 civis mortos na Ucrânia. UOL. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/02/27/onu-fala-em-368-mil-refugiados-e-64-civis-mortos-na-ucrania.htm> > Acesso em: 27 de fev. de 2022.

VESENTINI, José Willian. **Novas geopolíticas.** 5º ed. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido em 22 de Maio de 2023.

Publicado em 11 de Outubro de 2023.